

A GREVE DOS C.T.T.

Como é do conhecimento público, foi desencadeada uma greve por decisão de alguns delegados da Comissão Pró-Sindicato dos C. T. T. na madrugada da passada segunda-feira, apesar da disposição do Governo Provisório em prosseguir as negociações. Rejeitando-as, a Comissão Pró-Sindicato resolveu desencadear a greve, afectando largamente a vida nacional. Perante tal atitude, decidiu o Governo Provisório assegurar o normal funcionamento da empresa, solicitando para isso a cooperação do Movimento das Forças Armadas. Tal intervenção não se tornou porém necessária, pois a greve terminou na madrugada da passada quinta-feira depois de inúmeras manifestações populares anti-grevistas que tiveram lugar por todo o país.

A quem poderá aproveitar uma greve como esta, que afecta um importante sector de prestação de serviços e abrange um elevado número de trabalhadores distribuídos por todo o país?

Por um lado, aos grandes monopolistas e latifundiários e a todas as forças reaccionárias que estão profundamente interessadas na falência do processo revolucionário em curso. Estas forças aproveitam as mínimas oportunidades para tentarem paralisar a vida económica, encerrando as fábricas ou levando os trabalhadores à greve. Procurando assim a desorganização da produção e do consumo, o caos económico, que crie condições favoráveis para a contra-revolução e um conseqüente regresso à feroz ditadura fascista. Ao aproveitá-la, poderão outros procurar entravar a marcha do processo de democratização, ganhando posições que lhes permitam controlar o avanço das forças progressistas e as medidas concretas que o Governo Provisório virá a tomar.

Por outro lado, interessados em greves como esta estão também todos os aventureiros políticos ditos de esquerda, que com o seu revolucionarismo verbal revelam uma total incompreensão do momento político que vivemos e tentam lançar a divisão e a desorientação no seio das massas populares.

Estas actuações convergem objectivamente na tentativa de obrigar o Governo Provisório a tomar medidas de força que possam torná-lo impopular, e no sentido de impedir o fortalecimento da aliança entre o Povo e o Movimento das Forças Armadas.

Também a greve dos C. T. T. vem mostrar aos trabalhadores a necessidade de estarem sempre vigilantes.

Dar um passo incorrecto pode, na actual situação política, representar o último no caminho da democracia.

Não exigir ser ouvido em problemas de tamanha gravidade é não exercer na prática as liberdades alcançadas no 25 de Abril.

Fazer suas reivindicações irrealistas (como a das 35 horas semanais e salário mínimo de 6.000\$00) que a situação económica do país não comporta, além de fazer o jogo da reacção, é, por um lado, abrir a porta à divisão entre os companheiros de trabalho, por outro granjear o repúdio e violência populares.

O Movimento Democrático sempre defendeu e apoiou as justas reivindicações dos trabalhadores. Alerta os trabalhadores para a necessidade de organizadamente nas empresas, nos sindicatos lutarem desde já pela melhoria imediata das condições de vida, esgotando todo o processo de negociações e reservando a greve como última arma para alcançarem os seus justos objectivos. Alerta ainda os trabalhadores para estarem atentos a todas as manobras do patronato — despedimentos, encerramento das empresas, etc. Em cada caso concreto, ao tomarem posição face a elas, não devem ignorar o que neste momento, de facto, é fundamental para o Povo Português:

- **Consolidar as liberdades já alcançadas.**
- **Avançar a solução política da Guerra Colonial na base do reconhecimento do direito dos povos à auto-determinação e independência.**
- **Reforçar a aliança das massas populares com o Movimento das Forças Armadas.**
- **Melhoria efectiva das condições de vida, contra o capital monopolista e a submissão ao imperialismo.**

Depois do exemplo das greves da Carris, dos padeiros, dos C. T. T., todos os trabalhadores deverão estar particularmente vigilantes para não serem vítimas de manobras habilmente crquestradas por elementos reaccionários que através delas procuram lançar uma nova ofensiva contra o Governo Provisório, isto é, contra a unidade das forças democráticas contra o Movimento das Forças Armadas, contra o Povo Português.

Coimbra, 21 de Junho de 1974

Movimento Democrático de Coimbra